

LOUSADA, Isabel, **Adelaide Cabete (1867-1935)**. Colecção fio de Ariana. N.º 6. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, 2010, p.107.

**Fabio Mario da Silva**  
 (Universidade de Évora)<sup>1</sup>

Na esteira das comemorações dos 100 anos da proclamação da República Portuguesa e do 75.º aniversário do falecimento de Adelaide Cabete (1867-1935), ocorrido a 14 de setembro, a Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, Presidência do Conselho de Ministros, publicou a biografia desta na coleção intitulada “Fio de Ariana” (Ariadne/Ariadna, em Português do Brasil) dedicada ao pioneirismo de mulheres portuguesas que contribuíram para a emancipação feminina e para a transformação do pensamento patriarcal da sociedade. Isabel Lousada, investigadora da Universidade Nova de Lisboa e uma das maiores especialistas em maçonaria feminina, através de uma obra

<sup>1</sup> É bolsheiro da FCT, com cofinanciamento do FSE (Fundo Social Europeu), com apoios do POPH (Programa Operacional Potencial Humano) e da União Europeia. Investigador do CLEPUL. famamario@gmail.com

bibliográfico-crítica, revela-nos o percurso daquela feminista médica que também se assume socióloga, educadora, maçónica, republicana-socialista e livre-pensadora; uma mulher que lutou ativamente contra as desigualdades sociais entre homens e mulheres em Portugal.

A obra **Adelaide Cabete** inicia-se com uma breve cronologia que pretende dar uma visão geral do pioneirismo ativista e da importância histórica desta portuguesa que rompeu com certas imposições às mulheres do seu tempo, através de uma formação erudita e de uma empenhada ação ideológica e política. Médica e humanista, é assim que a define Isabel Lousada, destacando que dentre tantos movimentos que se implantavam com a República em Portugal, Adelaide Cabete fundou e tornou-se Presidente do Conselho Nacional de Mulheres Portuguesas. Acima de tudo, Adelaide Cabete é uma personagem central para o desenvolvimento de uma cultura feminista portuguesa. Porém, sofrendo com a falta de expressão e de liberdade vigentes, parte para Angola, em 1929, como quem almeja à liberdade. Importa destacar que apesar das parcas condições económicas da sua família alentejana, Adelaide Cabete (apelido que herda do marido Manuel Ramos Fernandes Cabete) sempre se mostrou apta aos estudos e, não obstante, desenvolveu um profícuo autodidatismo tornando-se, posteriormente, uma das primeiras médicas a exercer a profissão em Lisboa.

Segundo Isabel Lousada, a sua biografada defendeu que se não for possível à mulher grávida ter uma profissão menos fatigante deverá a sociedade, no mínimo, prover para que as gestantes tenham repouso durante parte da gravidez, visando desta forma preservar a saúde e o bem-estar das grávidas e mães solteiras, pensando maioritariamente nas mulheres de classes menos favorecidas. Esta posição permite-nos considerá-la pioneira na defesa pela licença de maternidade e assistência pré-natal, na esteira do combate contra a elevada taxa de mortalidade infantil.

Republicana fervorosa, feminista consciente, maçónica por opção, Cabete torna-se assim uma das mulheres pioneiras em

Portugal a superar todas as dificuldades para construir uma carreira sólida e de grandes lutas ideológicas, vindo a morrer em pleno Estado Novo, de ataque cardíaco, na sua residência em Lisboa, no ano de 1935.

Destaca ainda Isabel Lousada, que essa feminista portuguesa também se envolveu na luta das mulheres pelo sufrágio, defendendo a igualdade, se não nos direitos políticos, na esfera civil, preocupando-se quase sempre com as mulheres que se situavam na marginalidade social (que não tinham lar e/ou família), como foi também uma forte defensora da profissionalização da mulher através do trabalho digno e honesto; de certa forma, Cabete via no trabalho um caminho para as mulheres obterem uma certa independência em relação ao marido, bem como de ajudarem na receita familiar, a fim de obterem uma melhor qualidade de vida. É importante frisar que Adelaide Cabete compreendia que os papéis conferidos aos géneros em Portugal acabavam por desenvolver concepções estereotipadas de feminilidade e masculinidade, situando a mulher à margem da história cultural portuguesa.

Devido às suas ideias, Adelaide Cabete pode ser considerada uma das mais representativas mulheres portuguesas, do começo do século XX, que pensaram um Portugal livre de imposições sociais à voz ativa das mulheres. Destaca assim, Isabel Lousada, a importância desta mulher para a cultura e sociedade portuguesa: “o protagonismo de Adelaide Cabete em movimentos sociais ter-se-á ficado a dever às suas qualidades humanas, aliadas às competências científicas e profissionais exibidas. Enquanto militante activa nestes movimentos revela ter sabido criar um patamar alargado de colaboração, reunindo em torno de si uma vasta panóplia incluindo diferentes sensibilidades e convicções, almejando conquistar para as causas que a moviam um sem números de adeptos e adeptas” (LOUSADA, 2010, p. 56). Desta forma, Isabel Lousada procura mostrar e tirar do anonimato mais uma mulher que ajudou na luta por um Portugal mais justo e igualitário.